

FÁBULA FABULOSA

QUEM LAGARTA FERIR...
COM COBRA SERÁ FERIDO



HENRIQUE MAGALHÃES

Henrique Magalhães

QUEM LAGARTA FERRE...
COM COBRA SERÁ FERIDO

1982- Editora Artesanal -vol. 1

Copyright: Henrique Magalhães
Capa e ilustrações: Henrique
Magalhães
Revisão: Carmélio Reynaldo

edição:
Nós Também/
Editora Artesanal
Rua Marcionila da Conceição,
1365 - Cabo Branco
58000 João Pessoa - PB

QUEM LAGARTA FERRE...
COM COBRA SERÁ FERIDO

Morava na Mata do Buraquinho uma Lagarta muito feinha. Ela era tambem muito boazinha, nunca arengava com ninguem, nunca fazia mal algum e por isto, era muito querida pelos bichos da Mata. Todos a tratavam com carinho. Quando passava toda manha, pra comer as ervinhas do caminho, eles falavam com ela e ela se enchia de alegria, afinal de contas, ela se sentia gratificada em estar fazendo um serviço tão útil a comunidade da Mata do Buraquinho, que era deixar limpo o caminho pra que todos pudessem trabalhar e brincar livremente. Ao mesmo tempo, comer as er

vinhas era a maneira dela se ali mentar. Portanto, estava sendo u til também a ela mesma. É verda de que ela não tinha lá muita pressa no serviço, daí ter rece bido o nome de Vagarosa, mas co mo não havia muita erva pra cor tar, ela dava conta de todo seu trabalho diário.

Como falei, todos gos tavam da Lagartinha Vagarosa. To dos! Menos um dos bichos que mo ravam na Mata do Buraquinho. Era a Cobra Coral, que morria de in veja dela. Não entendia como era que os bichos gost avam da Lagar ta, um bichinho tão feio, e não gostavam dela. Desfilava, orgu



lhosa, arrastando sua pele multi-
colorida pelos caminhos da Mata
e achava que, só a alegria de su-
as cores, bastava para encher a
vista dos moradores da Mata. Que-
ria ser reconhecida de utilidade
pública por isso. Só que ela pas-
sava o dia esnobando todos os ou-
tros bichos, se achando mais im-
portante que eles. E assim passa-
va dias e dias sem fazer nada,
espreguiçando-se pelo caminho, a-
te mesmo atrapalhando a vida de
quem queria trabalhar.

Não entendia mesmo, a Cobra Coral, como era que todos os bichos gostavam tanto daquela Lagarta Vagarosa e não gostavam dela. Logo ela, o bicho mais bonito da mata. Ficava resmungando, fazendo fofoca e espalhando pra uns e pra outros, defeitos que ela procurava achar na pobre da Lagarta. Dizia que a Lagarta Vagarosa não era muito séria, já que sendo uma Lagarta macho, de uns tempos pra cá, andava rebolando mais do que seu andar comum.

Dizia, ainda, que já tinha encontrado a Lagarta Vagarosa em grandes algazarras noturnas com outros bichos, todos machos, e isto, no entender da Cobra, não pegava bem. A mais recente e séria fofoca que a Cobra Coral tinha espalhado era que a Lagarta Vagarosa, depois de uma farra na última madrugada, faminta, tinha comido todo o pé de cidreira que tinha sido plantado pela comunidade da Mata do Buraquinho.

De manhã cedo tava a
quele alvoroço. Todos os bichos
correndo pra lá e pra cá, pra
ver o que tinha acontecido. To
dos estavam indignados. De fato,
havam comido o pé de cidreira e
isto era o maior crime que podia
acontecer para a comunidade da
Mata, já que o pé de cidreira e
ra considerado sagrado, pois era
da maior utilidade para curar
qualquer doença que ameaçasse a
saude dos bichos. Um crime que e
xigia a penalidade máxima para
quem o cometesse, ou seja, a ex
pulsão pra sempre da Mata do Bu
raquinho.

Só que ninguém queria acreditar que a Lagarta Vagarosa pudesse ter feito aquilo. Ela nunca fez mal a ninguém e não ia deixar os moradores da Mata indefesos, sem seu remédio. De qualquer forma, todos os bichos foram procurar a Lagarta para saber o que ela dizia dos boatos que estavam correndo. A Cobra Coral não conseguia esconder sua ansiedade. Ia no meio da bicharada só pra não dar o que falar. Morria de medo de que nada desse certo, de que descobrissem que fora ela quem comeu a cidreira e também fora ela quem espalhou, nas redondezas da casa da Lagarta, um bocado de garrafas de aguardente vazias.



Os bichos não podiam a
creditar. As garrafas era uma
das provas que poderiam inrimi
nar a Lagarta e o fato dela não
ter despertado ainda, já dia al
to, era a prova definitiva de
que, depois do que tinha feito,
não tinha coragem de enfrentar
os bichos da Mata.

Não sabiam os bichos que a Lagarta, na noite anterior, tinha tido uma grande indigestão e estava de cama sem forças pra se levantar. Mas a culpa da indigestão não tinha sido a cidreira, como poderiam pensar os bichos e sim inseticida que a Cobra tinha espalhado pelo mato que a Lagarta comeu.

O resultado é que a Lagarta foi acordada com os gritos dos bichos, que estavam do lado de fora de sua casa exigindo explicação. Como a Lagarta não sabia nem o que estava acontecendo, não podia explicar nada. E foi expulsa por todos, sendo seguida até o fim da Mata do Buraquinho, onde começa o Conjunto Castelo Branco, aos gritos e insultos de ...

BICHA! BICHA!

 BICHA!

 BICHA!

 BICHA!

 BICHA! BICHA!

 BICHA!

BICHA! BICHA!

 BICHA!

 BICHA! BICHA!

 BICHA! BICHA!

BICHA! BICHA! BICHA!

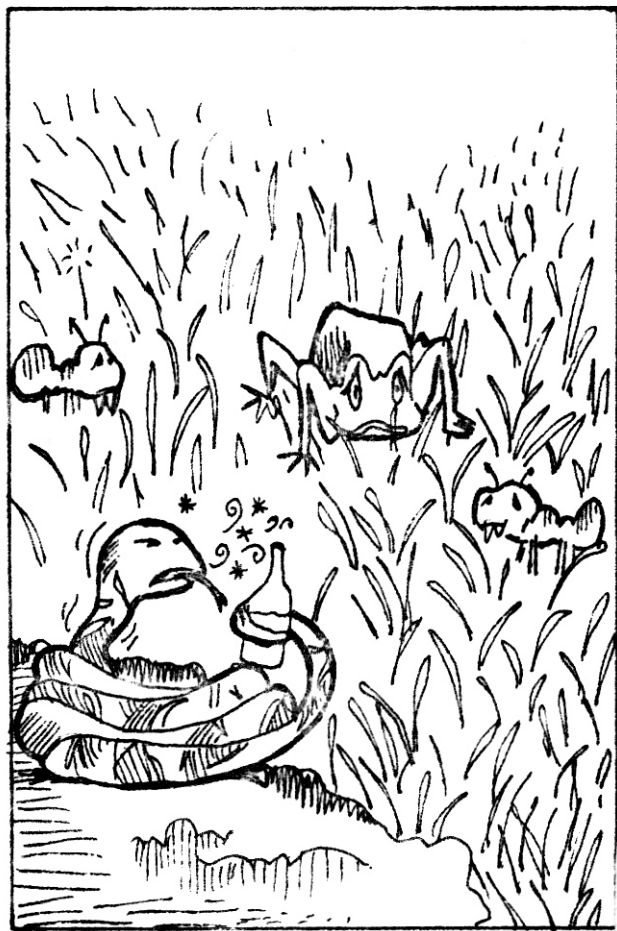
 BICHA! BICHA!

A Lagarta Vagarosa, humilhada, linchada e incompreendida, afastou-se devagarinho choramingando de desgosto e solidão. Depois de andar bastante, encontrou um tronco de árvore caído no chão, construiu ali um casulo e fechou-se para o mundo que a renegava.

Enquanto isso, na Mata do Buraquinho, tudo parecia ter voltado a ser como antes. Isto nos primeiros dias. Outro pé de cidreira foi plantado e todos voltaram a trabalhar como sempre. Com o tempo, porém, as coisas começaram a mudar. O mato do caminho já crescia mais do que o normal e invadia principalmente a área de lazer da Mata, que ficava enlameada e impenetrável. A alegria parecia ter acabado na Mata do Buraquinho.

Ninguém mais sorria, ninguém mais brincava. Que falta estava fazendo a Lagarta Vagarosa. Sua presença, mais do que nunca, estava sendo indispensável, tanto pela pessoa que era, ou melhor, pelo bicho que era, quanto pelos serviços que prestava. Muitos bichos já falavam que não dava mais pra trabalhar sem poder desfrutar suas horas de lazer pois eles tinham o lazer como necessidade fundamental de suas existências. Pensavam até em reconhecer publicamente a importância da presença da Lagarta Vagarosa e conceder-lhe anistia, ou seja, o perdão pelo suposto crime que ela havia cometido.

A Cobra Coral, ao contrário do que esperava, não conseguiu, mesmo com o afastamento da Lagarta, conquistar a simpatia dos bichos, e, furiosa, embriagava-se toda hora e insultava a todos com seu mau humor.



Finalmente, em assembléia geral, os bichos decidiram procurar a Lagarta e pedir a ela que voltasse para a Mata do Buraquinho.

Assim, no outro dia, bem cedo, saiu uma procissão de todos os bichos, inclusive a Cobra Coral, que queria saber até aonde tudo ia dar, e seguiram aos confins da Mata, à procura da Lagarta.

Já tinha passado muito tempo desde o dia da expulsão e os bichos estavam muito ansiosos. Não sabiam se encontrariam a Lagarta Vagarosa, nem mesmo se ela estava viva. Afinal de contas, nem todo mundo resiste ao exílio e como ela era muito fragilzinha ...

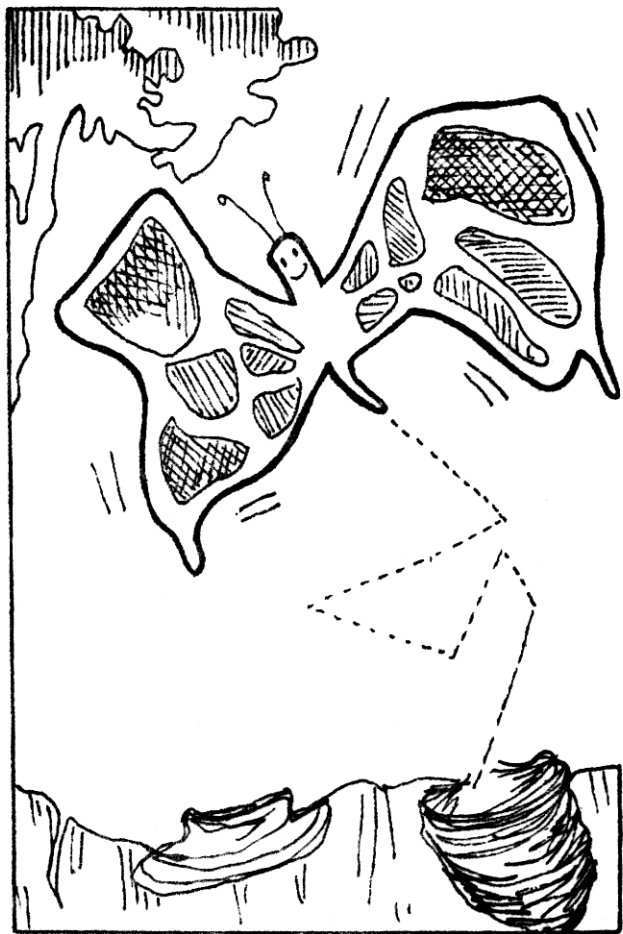
A Cobra Coral era a última do cortejo. Arrastava-se, como nos últimos dias, embriegada que não podia ficar de pé. Isto é só uma maneira de dizer por que, na realidade, em pé ela nunca pôde ficar. Assistia a tudo a acompanhando de longe pra não se comprometer. No fundo, torcia para que a Lagarta não fosse encontrada, pois, já que ninguém ligava pra ela, queria mesmo era que todo mundo morresse de tristeza. E tristeza era justamente a unica doença que a cidreira não curava.

Os bichos chamavam pe
la Vagarosa e futucavam tudo que
era buraco onde ela pudesse ter
se metido. Mas nada. Ninguém con
seguiu encontrar a Lagarta.

Levaram dias e mais dias procurando e todos já estavam cansados e famintos, a ponto de desistir, quando um deles viu, de repente, uma pequena forma ovalada e cinzenta que se mexia. Correram todos para ver o que era. Não parecia muito com uma Lagarta e como eles nunca tinham visto um casulo antes, não imaginavam o que podia haver com vida lá dentro. Arriscaram chamar pela Lagarta Vagarosa, por sugestão de uma das vozes do meio da bicharada. E para surpresa de todos, o casulo começou a se abrir e a surgir, espreguiçando-se, uma belíssima Borboleta, cheia de brilhos e de todas as cores do arco-iris.

Surpresa geral!

Ninguém nunca tinha
visto um bicho tão bonito antes.



Mesmo com dificuldade, aos pouco os bichos foram reconhecendo aqui e acolá uns traços, muito poucos, por sinal, parecidos com a Lagarta Vagarosa, até que, finalmente, a identificaram. Foi uma festa!

A sua beleza e a leveza de seu vôo davam provas da delicadeza de seu espírito e de que ela jamais poderia ter feito mal algum. Foi aclamada novamente como moradora da Mata do Buraquinho e escolhida para ser a animadora das festas e dos piqueniques. Para seu lugar, a Borboleta Mimosa, como passaram a chamá-la, prometeu convidar seu primo, a Lagarta Moleza, que mora na Bica, que ficaria fazendo seus serviços até que ele também virasse Borboleta.

E não é que todos ti
nham esquecido do primo Moleza!
Ele ia muito pouco à Mata do Bu
raquinho, mas, sempre que ia,
passava dias hospedado na casa
de Vagarosa, dando o que falar
para alguns, que diziam até que
eles se amavam.

A festa começou ali mesmo. Os bichos não se contendo de alegria, venceram o cansaço e a fome e voltaram saltitantes para a Mata do Buraquinho, seguidos por alto pela Borboleta Mimosa. Esta, não sabia também conter sua alegria em estar voltando para junto de seus amigos e brilhava soltando um pozinho pra teado sobre os bichos.

Só quem não gostou do final foi a Cobra Coral. Não resistindo à alegria dos bichos, estrebuchou tanto na areia, com tanta raiva, que sem querer, numa das voltas em círculo que deu, mordeu seu próprio rabo e esticou-se dura no chão, fulminada por seu veneno.

Quem lagarta fere... nota à edição digital

Esta “fábula fabulosa”, como denominei no cabeçalho do livro, já dava o tom satírico que pretendia para a série que iniciava, mas que afinal ficou apenas nessa edição. O livro foi lançado em 1982 pela Editora Artesanal e pelo grupo Nós Também, com texto e ilustrações de minha autoria e revisão de Carmélio Reynaldo, na época meu professor no Curso de Comunicação Social da UFPB.

A Editora Artesanal era uma iniciativa independente que já vinha produzindo a série de revistas Maria, com as tiras de minha personagem de quadrinhos publicadas nos jornais diários da Paraíba. A “fábula fabulosa” era minha investida no campo literário que refletia não só o momento político que vivíamos – vide no livro as questões ligadas ao trabalho e ao lazer, a co-operação mútua, as decisões coletivas em assembleia, o exílio – como também a luta em defesa das minorias.

Aí entra o papel do grupo Nós Também, do qual fiz parte e fui um dos fundadores em 1980. O Nós Também atuava como militante dos direitos dos homossexuais e na luta contra o preconceito, reunia professores e alunos da UFPB, principalmente dos cursos de Co-

municação Social, Artes, Psicologia e Arquitetura. Seu modo de ação, além das reuniões de estudo e conscientização, era por meio da produção artística com a confecção de cartões postais, grafites, outdoors, filmes e poesias. *Quem lagarta fere...* faz parte dessa produção, colocando situações que remetem à questão de gênero e a discriminação à homossexualidade.

Por fim, o livro enquadra-se, ainda que tardiamente, no que se denominou geração mimeógrafo por seu modo de produção, pela autoralidade e controle do processo editorial: reprodução em mimeógrafo, capa em linoleogravura e pintura manual, formato 10,5x15cm, que lembra em parte os folhetos de cordel.

H. Magalhães



Quem lagarta fere... com cobra será ferido

Henrique Magalhães

Paraíba: Nós Também/Editora Artesanal,
1982, 33p, 10,5x15cm.

2a edição digital:

Paraíba: Marca de Fantasia, 2016, 37p.